

Reprodução/Instagram:dudakropf



A cantora Duda Kropf usou boné à noite para ir ao show da banda RBD

Reprodução/Instagram:marimenezes_



A influenciadora Mari Menezes combinou a jaqueta esportiva de couro e o boné

QUATRO FORMAS DE COMBINAR LOOKS COM BONÉ POR MEIO DAS CORES:

- **Combinação monocromática:** look de uma cor só
- **Combinação análoga:** look com duas cores vizinhas, como: rosa e vermelho, ou azul e verde
- **Combinação complementar:** uma

combinação de alto contraste, pois uma peça de cores opostas no círculo como roxo e amarelo

- **Combinação tríade:** transmite informalidade e ousadia, pois são três cores opostas do círculo cromático

Karen sugere que um jeito fácil de inserir o boné no look do dia a dia é criando um conjunto com outras peças esportivas como um tênis, que é superfuncional, e roupas confortáveis. De acordo com a consultora de imagem, a composição com a calça de alfaiataria, por outro lado, cria um contraste bem-vindo ao visual. "Combinar cores de roupas com o boné vai transformar o seu look quase em um conjunto, o que vai trazer mais harmonia visual".

A especialista revela que todas as regras de combinação partem das cores e da estampa da peça que será usada. "A forma mais fácil de harmonizar é manter a mesma cor no boné e na roupa. Qualquer um sabe que repetir cores ajuda na combinação e evita erros, ou seja, você escolhe

um item do look e repete a cor. É muito simples".

Mas, se a ideia é vestir algo mais original e diferente, a personal indica o uso do círculo cromático. "É uma ferramenta que nós, consultores de imagem, usamos para multiplicar os nossos looks e saber quais cores harmonizam melhor com outras", ensina Karen. Ela salienta que não existe nenhum bicho de sete cabeças na hora de combinar peças.

Com a tendência forte de acessórios na cabeça que retornou em 2023, o boné também entrou na lista e, ao que parece, permanecerá, seja com calça jeans, legging ou alfaiataria.

***Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira**

Psicanálise

uma experiência do inconsciente

Ivanisa Teitelroit Martins

O fazer artístico e a psicanálise Godofredo de Oliveira NetoFazia uma pequena correção num trecho de meu romance Esquise, versão francesa, sobre as andorinhas do mar – "les hirondelles de mer échangent em plein vol des morceaux de poisson, elles forment une communauté surprenante". Lacan se refere, no seu Écrits, às andorinhas do mar para demonstrar a existência de um comportamento simbólico no reino animal para chegar à ideia de festa ritualística de "passation" num ágape totêmico humano. Nesse instante me chegou o livro de Ivanisa Teitelroit Martins, Psicanálise: uma experiência do inconsciente. Um denso, percuciente e extraordinário estudo sobre psicanálise para estudiosos do tema, mas não só; um livro importante para os amantes de literatura e de cultura em geral. Chapeau!, como diria Lacan. Logo de cara, no primeiro capítulo, A lógica do inconsciente, leio a frase de Lacan A angústia é um excesso de real. De Gide, dos Moedeiros Falsos, até os filmes de Hitchcock, a psicanálise é personagem. Freud já se debruçara ferozmente sobre textos literários. Lacan precisa que a arte serve como uma restauração dos defeitos de construção do ser humano. Um defeito de fábrica. O real não é para ser sabido, escreve Ivanisa no capítulo Sintoma e real. Ora, o analista não opera com a consistência da razão porque o inconsciente não conhece a contradição. Ivanisa esclarece o leitor e a leitora no seu Apagamento do sujeito. Pensei, durante a leitura desse maravilhoso ensaio, na tragédia de Sófocles: a morte do pai, a posse da mãe e a cegueira que se segue à descoberta do ato. Blanchot adentra essas veredas em seus textos. Ivanisa o cita na obra. O discurso sobre o EU dos psicanalistas abre uma janela imensa para o prazer do texto (Barthes) na medida em que autoriza as transgressões e os desejos recalçados do leitor e da leitora. "A língua dorme em seu sentido, como fazê-la despertar o real?". Lê-se no capítulo O discurso analítico e o dizer. No romance Menino oculto trabalhei particularmente esse desafio. A narrativa da psicanalista autora da obra em análise me trouxe uma potente luz, quão potente são as suas reflexões teóricas, sobre o meu próprio fazer literário. Psicanálise: uma experiência do inconsciente enfatiza, no capítulo Da letra à topologia, e relembra a passagem do ideograma a palavras de forma didática e saborosa, uma característica, aliás, de todo o texto. Derrida, no seu De la grammatologie, me explicava que a escritura não é um instrumento de transmissão de uma palavra anterior que ela apenas colheria. Que se liberte o significante gráfico, bradava ele com voz suave. Cabe a distinção face a face do "dentro", onde está presente o pensamento, e o "fora", quando a escritura entra em cena. No capítulo Psicanálise: uma experiência do inconsciente em ato, eu, como ficcionista, me reconheço e me regozijo e me consolo por não estar só: (A analisada é uma cineasta). "É outro trabalho que não é o estudado nem o observado, algo que ficou guardado, que talvez o inconsciente traga, algo que ficou de fora. Não é algo que acontece toda hora, dificilmente, mas ... é ... está suspenso ... para poder retomar esse tipo de texto acho que eu consigo perder o tempo para não perder o tempo, tem um desejo de criação constante que não costuma parar, com possibilidade de eu levar para vários lugares (...). Será que eu dava conta de elaborar um melodrama à Almodóvar?" Ufa, exclamo eu. Psicanálise: uma experiência do inconsciente é de leitura obrigatória. Membro da Academia Brasileira de Letras. Sexto ocupante da cadeira no 35 na sucessão de Cândido Mendes de Almeida. Autor de romances como O Bruxo do Contestado, revelação do ano de 1996, e Amores Exilados, aclamado pela crítica no ano de 2011.



Compre aqui seu exemplar



<https://exlibriseditora.com.br/product/psicanalise-uma-experiencia-do-inconsciente/>